

EPISTEMOLOGIA DA ESCUTA: ENSAIO PARA UMA TEORIA COMUNICACIONAL DESDE A AMAZÔNIA

LISTENING EPISTEMOLOGY: AN ESSAY TOWARD A COMMUNICATION
THEORY FROM THE AMAZON

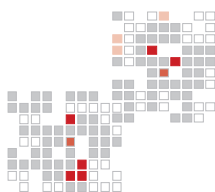
EPISTEMOLOGÍA DE LA ESCUCHA: UN ENSAYO HACIA UNA TEORÍA DE
LA COMUNICACIÓN DESDE LA AMAZONIA

Paulo Giraldi

■ Bolsista PDJ do CNPq e Professor Adjunto da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), com Pós-Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA-USP) e estágio pós-doutoral na Pontifícia Universidad Javeriana (Bogotá/COL). Pesquisador do GP "Pensamento Comunicacional Latino-americano" (PCLA/UNESP/CNPq).

■ Becario PDJ del CNPq y Profesor Adjunto de la Universidad Federal de Amapá (UNIFAP). Doctor en Comunicación por la Universidad de Brasilia (UnB), con posdoctorado en Ciencias de la Comunicación por la Universidad de São Paulo (ECA-USP) y estancia posdoctoral en la Pontificia Universidad Javeriana (Bogotá/COL). Investigador del Grupo de Investigación "Pensamiento Comunicacional Latinoamericano" (PCLA/UNESP/CNPq).

■ E-mail: paulogiraldi2@gmail.com



RESUMO

O artigo apresenta aportes iniciais para o desenho de uma Epistemologia da Escuta como fundamento comunicacional situado, emergente dos territórios amazônicos e das práticas comunicacionais de mulheres indígenas e guardiãs de saberes ancestrais. A partir de autoras indígenas, pensadoras latino-americanas e perspectivas decoloniais, argumenta que a escuta desloca a centralidade da emissão e se afirma como modo de conhecer, existir e pesquisar. Propõe-se um arcabouço preliminar baseado em presença, reciprocidade e cuidado, indicando a escuta como categoria epistemológica, método e horizonte político para os estudos da Comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: EPISTEMOLOGIA DA ESCUTA; MULHERES INDÍGENAS; COMUNICAÇÃO AMAZÔNICA; TERRITORIALIDADE; METODOLOGIAS DECOLONIAIS.

ABSTRACT

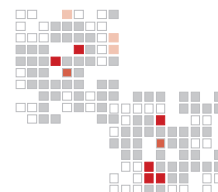
This article presents initial contributions toward the design of an Epistemology of Listening as a situated communicational framework emerging from Amazonian territories and from the communicational practices of Indigenous women and guardians of ancestral knowledge. Drawing on Indigenous authors, Latin American thinkers, and decolonial perspectives, it argues that listening shifts the centrality of emission and asserts itself as a way of knowing, existing, and researching. A preliminary framework grounded in presence, reciprocity, and care is proposed, positioning listening as an epistemological category, method, and political horizon for Communication studies.

KEYWORDS: EPISTEMOLOGY OF LISTENING; INDIGENOUS WOMEN; AMAZONIAN COMMUNICATION; TERRITORIALITY; DECOLONIAL METHODOLOGIES.

RESUMEN

El artículo presenta aportes iniciales para el diseño de una Epistemología de la Escucha como fundamento comunicacional situado, emergente de los territorios amazónicos y de las prácticas comunicacionales de mujeres indígenas y portadoras de saberes ancestrales. A partir de autoras indígenas, pensadoras latinoamericanas y perspectivas decoloniales, se argumenta que la escucha desplaza la centralidad de la emisión y se afirma como un modo de conocer, existir e investigar. Se propone un marco preliminar basado en la presencia, la reciprocidad y el cuidado, señalando la escucha como categoría epistemológica, método y horizonte político para los estudios de la Comunicación.

PALABRAS CLAVE: EPISTEMOLOGÍA DE LA ESCUCHA; MUJERES INDÍGENAS; COMUNICACIÓN AMAZÓNICA; TERRITORIALIDAD; METODOLOGÍAS DECOLONIALES.



1 introdução

1.1 Por que ouvir importa na Teoria da Comunicação

Pensar a comunicação desde a escuta constitui um gesto de deslocamento epistemológico. Desde sua formação, o campo priorizou modelos centrados na emissão e no controle da mensagem – expressão de uma racionalidade técnico-instrumental que privilegiou o ver e o dizer, marginalizando o ouvir. O modelo emissor-mensagem-receptor do funcionalismo norte-americano moldou currículos e práticas, mesmo em contextos nos quais a escuta constitui fundamento da vida social.

Na América Latina, esse modelo foi reelaborado, mas foram sobretudo mulheres latino-americanas e escritoras indígenas amazônicas que romperam com a centralidade da emissão e reinscreveram a comunicação como relação, memória e território. Autoras como Ana María Nethol, Anamaria Fadul, Cicilia Peruzzo, Fátima Fernández, Mabel Piccini, Marita Mata, Maria Cristina Gobbi, Marta Harnecker, Marta Rizo, Michèle Mattelart, Patricia Anzola, Rosa María Alfaro e Susana Rotker forjaram um repertório conceitual que recoloca a escuta como força de reconstrução da memória, afirmação e “ação política” (Lorde, 2020), bem como sustentação dos vínculos que mantêm viva a comunidade comunicacional latino-americana.

Ao lado delas, mulheres indígenas – Eliane Potiguara, Auritha Tabajara, Jama Wapichana, Eva Potiguara, Bruna Karipuna, Cláudia Flor de D’Maria, Lúcia Tucuju, Jerá Poty Mirim, entre outras – inscrevem na comunicação uma epistemologia territorial e ancestral, em que a escuta opera como continuidade, cuidado e reafirmação dos modos de “existir e resistir” (Walsh, 2013). Suas obras sustentam esta proposição ao demonstrar que o conhecimento se produz na relação, na atualização da memória e na permanência das narrativas que atravessam gerações.

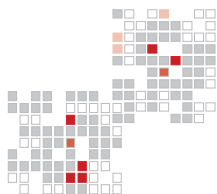
Os chamados “pais fundadores” – Kaplún, Beltrán, Díaz Bordenave, Freire, Martín-Barbero e Marques de Melo – foram fundamentais para compreender a comunicação como prática cultural e política. Contudo, grande parte desses aportes permaneceu circunscrita a abordagens sistêmicas, marcadas pela primazia das estruturas sociais e pela predominância de modelos de ação estratégica. As autoras latino-americanas, em contraste, abriram caminhos para uma epistemologia comunicacional mais humana, relacional e situada, horizonte que inspira diretamente esta proposta.

Parte-se da hipótese de que, no contexto pan-amazônico e latino-americano, a escuta pode ser compreendida como categoria epistemológica e metodológica, capaz de tensionar o estatuto tradicional do conhecimento comunicacional (Marques de Melo, 2018). Escutar não é apenas atitude ética: é modo de conhecer e produzir saberes em relação (Munduruku, 2020), confrontando a colonialidade do saber e recuperando dimensões sensíveis, dialógicas e ecológicas da comunicação.

Assim, a Pan-Amazônia¹ é entendida não como objeto, mas como locus epistemológico (Santos, 2007; Escobar, 2017): território de pensamento do qual emergem formas outras de narrar e comunicar – sustentadas por protagonismos femininos e saberes ancestrais. O deslocamento da emissão para a escuta contribui para um paradigma comunicacional situado, plural e decolonial.

O objetivo deste estudo é delinear um arcabouço

1 A Pan-Amazônia é o conjunto de países que compartilham o bioma amazônico – Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa – articulando dimensões ambientais, culturais, políticas e comunicacionais comuns. Este artigo busca ampliar a discussão desde a perspectiva latino-americana, conectando a Amazônia brasileira às dinâmicas regionais que atravessam toda a Pan-Amazônia.



preliminar da Epistemologia da Escuta², proposição teórico-metodológica enraizada nos saberes comunicacionais dos povos originários e nas práticas femininas amazônicas que articulam oralidade, ancestralidade e territorialidade. Especificamente, busca-se: (1) examinar o estatuto epistemológico da comunicação na tradição latino-americana; (2) propor a escuta como categoria analítica e fundamento metodológico; e (3) mapear princípios ético-políticos de uma metodologia comunicacional amazônica baseada em presença, reciprocidade, cuidado e escuta sensível (Barbier, 1998).

A escuta, nesse sentido, é ato político: transforma relações de poder na produção de saberes, amplia abordagens existentes e tensiona metodologias hegemônicas no campo comunicacional (Wainberg, 2018). Em tempos de inteligência artificial e algoritmos, torna-se imperativo ético e compromisso decolonial frente à automação e à reprodução de vieses hegemônicos.

Neste texto, apresentam-se aportes preliminares para pensar a Epistemologia da Escuta como fundamento em formação, articulando: (a) a escuta como modo de existir em relação; (b) a escuta como modo de conhecer enraizado nos territórios; e (c) a escuta como método ético-político de produção compartilhada de saberes. Não se trata de uma construção finalizada: é um fundamento epistemológico emergente, que possibilita, adiante, a formulação de uma teoria comunicacional situada.

2 O conceito de Epistemologia da Escuta, proposto por este autor, representa um reenquadramento teórico nos estudos da Comunicação ao deslocar o foco da emissão para a relacionalidade da escuta. Esse movimento implica que comunicadores e pesquisadores deixam de ocupar o lugar de porta-voz para assumir uma posição implicada na relação, reconhecendo a escuta como prática de coautoria e reciprocidade – especialmente em reportagens, pesquisas e projetos que constroem narrativas locais com participação direta dos sujeitos, sem hierarquizar ou silenciar suas vozes.

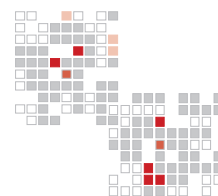
Na sequência, apresentam-se os fundamentos teóricos que sustentam essa proposta, situando a Epistemologia da Escuta em diálogo com a Comunicação latino-americana, a colonialidade e as epistemologias feministas e decoloniais.

2. Fundamentos Teóricos: Comunicação, Epistemologia e Decolonialidade

O campo latino-americano da Comunicação constituiu-se em diálogo tenso com matrizes europeias e norte-americanas. Desde a década de 1960, os estudos críticos passaram a conceber a comunicação não como simples transmissão, mas como produção cultural e disputa de sentidos (Beltrán, 1980; Kaplún, 1978), movimento articulado às lutas democráticas e à educação popular. Freire (1969) sintetizou essa inflexão ao afirmar que comunicar é dialogar – e que o diálogo é ato político de libertação.

Ainda assim, mesmo as teorias críticas preservaram resquícios eurocêtricos que hierarquizam modos de conhecer: o pesquisador segue como observador externo, raramente como sujeito que se deixa afetar. Santos (1998, p. 208) denomina esse processo de *epistemicídio*: eliminação de saberes que não se enquadram na lógica moderno-ocidental. “*El epistemicidio es el proceso político-cultural a través del cual se destruye el conocimiento producido por grupos subordinados [...]*” – recorda o autor, situando a destruição dos saberes indígenas como suporte ao genocídio colonial.

Como alternativa, Boaventura de Sousa Santos propõe a ecologia de saberes, fundada em processos de tradução intercultural que recusam hierarquias entre conhecimentos. Nesse horizonte insurgem as epistemologias decoloniais latino-americanas. Quijano (2005) conceitua a colonialidade do poder como estrutura constitutiva da modernidade; Walsh (2013) compreende a decolonialidade como projeto de



vida e exercício de desobediência epistemológica; e Rivera Cusicanqui (2018) elabora a noção de *ch'ixi*, que expressa a coexistência não assimiladora entre mundos heterogêneos. Esse campo de disputas, continuidades e resistências atravessa igualmente o Pensamento Comunicacional e orienta a renovação crítica do campo da Comunicação.

2.1 Silenciamentos e presenças no repertório teórico do GT 9 da ALAIC

A fim de identificar quais matrizes teóricas orientam a produção recente em Teoria e Metodologia da Comunicação e em que medida dialogam ou divergem das perspectivas críticas e decoloniais discutidas nos Fundamentos Teóricos, realizou-se um mapeamento das referências presentes no GT 9 da ALAIC ao longo das últimas cinco edições (2016-2024). O propósito central foi reconhecer presenças, ausências e recorrências que contribuem para delinear o repertório dominante do campo.

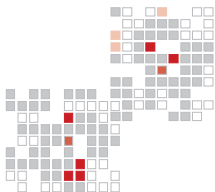
O procedimento metodológico consistiu na extração e contagem das ocorrências de nomes de teóricos citados nos artigos, resumos e listas de referências. A análise técnica, realizada por meio de *scripts* automatizados (*Python*), resultou em um ranqueamento de frequência dos autores mais mencionados. Ao todo, cerca de 148 submissões foram examinadas integralmente.

Importante destacar que não se realizou aqui uma análise qualitativa ou interpretativa dos dados, mas apenas uma constatação empírica destinada a fornecer um quadro objetivo do repertório mais acionado pelo GT 9. Essa visualização descritiva cumpre função instrumental: servir de base para a reflexão central do artigo sobre o protagonismo feminino e os silenciamentos persistentes na constituição do cânone teórico da área. O resultado bruto, apresentado na Tabela 1, ajuda a evidenciar assimetrias que atravessam o campo e que motivam a proposição deste ensaio teórico da Escuta como fundamento comunicacional situado.

Tabela 1 – Teóricos mais recorrentes nos Anais do GT 9 (ALAIC) (2016–2024).

Teóricos	Ocorrências
Michel Foucault	97
Armand Mattelart	88
Pierre Bourdieu	59
Jesús Martín-Barbero	55
Marta Rizo	47
Raúl Fuentes Navarro	46
Muniz Sodré	45
Manuel Castells	44
José Luis Piñuel Raigada	43
Vilso Junior Santi	37

Elaborado pelo autor.



O levantamento evidencia a centralidade de um eixo crítico-estrutural (Foucault, Mattelart, Bourdieu) e a importância de teóricos latino-americanos como Martín-Barbero, Marta Rizo e Muniz Sodré. A presença de Rizo revela, contudo, um paradoxo: sua relevância convive com o silenciamento estrutural das mulheres no cânone do GT 9. Como indica Gobbi (2020, p. 219), mesmo com produção expressiva, as autoras “não figuram como referenciais teórico-metodológicos, inclusive nas próprias pesquisas que desenvolvem”.

Diante disso, a perspectiva aqui defendida emerge como necessidade metodológica e gesto de revisão crítica. O desafio é ir além da aplicação de macro-teorias do poder e cultivar análises sensíveis às mediações, aos contextos locais e aos silêncios institucionais. A autorreflexão passa a operar como exercício epistemológico de inclusão: não se trata de acrescentar vozes marginais, mas de reconhecer mulheres – sobretudo amazônidas e indígenas – como fundadoras do pensamento comunicacional relacional na América Latina (hooks, 2019). São elas que introduzem o vínculo, a relacionalidade e a atenção como práticas constitutivas da comunicação.

Essa reorientação permite reler autores clássicos sob um enfoque situado, evidenciando deslocamentos já iniciados, porém ainda incompletos.

2.2 Do deslocamento do olhar ao deslocamento da escuta

No campo da Comunicação, Martín-Barbero (1997) antecipou a virada relacional ao deslocar o foco dos meios para as mediações, mostrando que comunicar é tecer vínculos culturais, políticos e afetivos. Contudo, se o “deslocamento do olhar” privilegiou o receptor, faltava ainda deslocar o eixo para a escuta – compreendendo-a como matriz epistêmica que antecede e funda a

experiência comunicacional.

Essa virada encontra ressonância em Escobar (2017) e seu conceito de *sentipensar com la tierra*, ontologia relacional dos povos afrodescendentes do Caribe colombiano. Escutar, nesse contexto, é forma de *sentipensar*: sintonizar-se com vozes humanas e não humanas que compõem o mundo. Trata-se de gesto epistemológico que reinsere a comunicação no campo do comum e do vivo (Sodré, 2015).

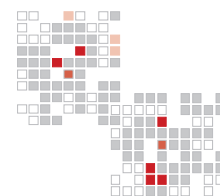
A partir dessas contribuições, torna-se possível conceber a escuta como categoria epistemológica: não apenas prática, mas modo outro de compreender a produção do conhecimento comunicacional. Nas perspectivas latino-americanas e amazônicas, escutar é reconhecer a existência de múltiplas ontologias e admitir a interdependência entre seres, saberes e territórios (Barreiros, 2012).

3. A escuta como categoria epistemológica

3.1 A inversão sujeito-objeto e a ética da relação

A escuta aqui proposta opera simultaneamente em um plano ontológico – existir-em-relação – e em um plano metodológico – conhecer em copresença. Essa distinção é necessária para compreender a força epistemológica da escuta no campo da Comunicação. Diferente do olhar, que separa e estabiliza posições, a escuta implica porosidade, vulnerabilidade e transformação mútua: quem escuta também se torna outro. Trata-se de gesto ético e político.

Quando Freire (1969) afirma que “os homens se educam em comunhão”, antecipa esse princípio relacional. Escutar inverte a hierarquia sujeito-objeto: o pesquisador deixa de ser observador externo e passa a integrar a rede de relações que produz conhecimento. Ele não extrai dados; compartilha mundos. Como propõe Santos (2018), conhecer é um ato de copresença, que exige reconhecer o outro como produtor legítimo



de saberes (Munduruku, 2020).

Na Amazônia – nas oralidades ribeirinhas, cosmologias indígenas, saberes quilombolas e, sobretudo, nas práticas comunicacionais das mulheres – essa ética assume forma concreta. O conhecimento circula, ressoa e vincula; a palavra

é gesto de pertencimento (Silva, 2013). Escutar o território – rios, florestas, memórias – é parte constitutiva da vida comunicante. Da articulação entre fundamentos, processos e categorias deriva o arcabouço da Epistemologia da Escuta, apresentado na Tabela 2.

Tabela 2 – Arcabouço da Epistemologia da Escuta.

Componente	Implicação para a prática
Escuta como modo de existir (ontologia)	O outro não é objeto, mas sujeito em relação.
Escuta como modo de conhecer (gnose)	O conhecimento se constrói no diálogo e na equivalência epistemológica entre saberes.
Escuta como método (práxis)	Os projetos comunicacionais devem envolver a participação direta dos sujeitos na construção das narrativas, orientados pelos princípios de presença, reciprocidade e coautoria.

Elaborado pelo autor.

Essas dimensões articulam três categorias operacionais: (A) a escuta como modo de existir-em-relação; (B) a escuta como modo de conhecer, no qual narrativas territoriais e ciência possuem equivalência epistemológica; e (C) a escuta como método, guiado por ética ecológica e antiextrativista. Em conjunto, configuram um horizonte político que busca descolonizar o conhecimento, ecologizar o pensamento comunicacional, e reinscrever a mulher amazônica como sujeito epistêmico pleno.

Se os fundamentos ontológicos da escuta revelam como o saber se enraíza na relação e no território, são os processos epistêmicos, vividos e elaborados pelas mulheres, que concretizam essa dinâmica e estruturam a epistemologia.

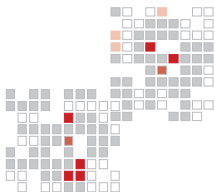
3.3 A escuta como ato decolonial e ecológico de conhecer

A escuta constitui, em sua própria estrutura, um gesto decolonial. Ela desafia a episteme colonial que historicamente silenciou povos originários e grupos subalternizados, deslocando o pesquisador da posição de centralidade

interpretativa. Escutar implica suspender o “eu teórico”, acolhendo lógicas outras de existência e conhecimento – movimento que Walsh (2013) e que Tabajara (2018) expressa pela abertura às cosmologias da palavra das mulheres, entendida como locus de saber, memória e resistência.

Esse deslocamento possibilita acessar mundos nos quais conhecimento, corpo, território e ancestralidade são indissociáveis, aproximando-se do *sentipensar* (Escobar, 2017). Nesses contextos, conhecer não é um fim abstrato, mas ação voltada à defesa da vida e ao bem coletivo. A pesquisa torna-se, assim, um gesto de reconhecimento e reciprocidade: uma ética relacional em que o saber emerge do encontro e da confiança.

A partir dessa base, a proposta da Epistemologia da Escuta pode ser compreendida como sugerindo um duplo movimento: (a) descolonizar o conhecimento, superando a primazia epistêmica acadêmica e reconhecendo as mulheres amazônidas como produtoras de conhecimento situado e sujeitos de seu próprio lugar de fala (Ribeiro, 2017); e (b) ecologizar o



pensamento comunicacional (Romano, 1993), entendendo que todo saber se assenta na interdependência entre humanos, não humanos e território.

Essa perspectiva dialoga com Martín-Barbero (1997), ao reconhecer a escuta como lugar das mediações; com Fraser (2006), ao situá-la como prática de justiça comunicacional; e com as epistemologias do Sul (Santos, 2007), o feminismo negro (Carneiro, 2005; Gonzalez, 2020) e as ontologias ameríndias (Krenak, 2019; Kopenawa; Albert, 2015). Nessa confluência, a escuta se afirma como ato decolonial de conhecer, prática ecológica de pesquisa e base para uma teoria comunicacional situada que emerge dos

territórios amazônicos.

3.4 Processos epistêmicos e o papel das mulheres indígenas

É nesse marco teórico que o feminismo decolonial da escuta (Vergès, 2020) ganha materialidade quando articulado às epistemologias femininas indígenas, que constituem uma base viva e autopoietica. Nas obras de escritoras Potiguara, Tabajara, Wapichana, Karipuna, Tucuju, Guarani Mbya e Omágua/Kambebe, a escuta aparece como fundamento ontológico da vida territorial.

A leitura dessas autoras permite identificar seis princípios geradores:

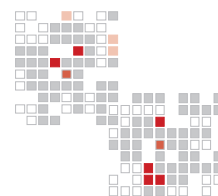
Tabela 3 – Princípios geradores da escuta como categoria epistemológica.

Dimensão	Definição	Implicações epistemológicas
Ancestralidade narrada pelas mulheres	Palavra feminina como primeira tecnologia de transmissão	Conhecimento como continuidade e responsabilidade
Memória como conhecimento	Memória como prática viva	O saber se atualiza na narrativa
Oralidade territorializada	Palavra inseparável do território	A escuta é ecológica e corpo-ambiente
Palavra que cura e politiza	Narrar reorganiza e afirma a vida	A escuta repara, protege e fortalece
Território como matriz de sentido	Todo saber é situado	Conhecer implica vincular-se às geografias que produzem sentido.
Coletividade como autoria	Produção compartilhada	Coautoria e antiextrativismo epistemológico

Elaborado pelo autor.

A Tabela 3 sistematiza os princípios geradores que sustentam a escuta como categoria epistemológica situada. Esses princípios – 1) ancestralidade narrada pelas mulheres, 2) memória como prática viva, 3) oralidade territorializada, 4) palavra que cura e politiza, 5) território como matriz de sentido e 6) coletividade como autoria – constituem as raízes ontológicas e éticas do conhecimento nos territórios amazônicos (Potiguara, 2015). A partir deles, delineiam-se três níveis articulados de produção do saber: (a) os fundamentos geradores, que

evidenciam a centralidade da palavra feminina, da memória comunitária e da relação ecológica entre linguagem e território; (b) os processos epistêmicos, que mostram como a narrativa cura, politiza e situa o conhecimento em geografias específicas; e (c) as categorias operacionais, nas quais a escuta se apresenta como ontologia (modo de existir), gnose (modo de conhecer) e método (modo de pesquisar). Em conjunto, esses elementos configuram um arcabouço teórico-metodológico decolonial que desloca o foco da transmissão para a relação, afirma a equivalência



epistemológica entre saberes e reinscreve as mulheres amazônidas como sujeitos epistêmicos plenos (Barreiros, 2012).

Esses princípios não constituem abstrações, mas processos epistêmicos dos quais a escuta emerge como categoria teórica. A

tabela a seguir sintetiza as autoras indígenas mobilizadas como mulheres comunicantes – isto é, mulheres que produzem, guardam e transmitem saberes por meio da palavra, da memória e do território – e os aportes que contribuem para esta formulação teórica:

Tabela 4 – Mulheres indígenas e a gênese da Escuta.

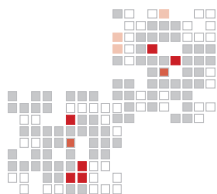
Autora	Povo/Etnia Indígena	Contribuição
Eliane Potiguara	Potiguara	Memória como território; palavra como afirmação de existência; escuta como ato político.
Auritha Tabajara	Tabajara	Oralidade cosmológica; narrativa como cura; escuta espiritual.
Jama Wapichana	Wapichana	Territorialidade como coautoria; escuta de múltiplas temporalidades.
Eva Potiguara	Potiguara	Palavra ritual; escuta como conexão corpo–espírito–território.
Bruna Karipuna	Karipuna	Voz feminina como resistência; escuta como proteção da infância e da memória.
Cláudia Flor de D’Maria	Potiguara	Narrativa como reorganização afetiva e política; escuta pedagógica.
Lúcia Tucuju	Tucuju (AP)	Território como sujeito; escuta comunitária como escrita da história local.
Jerá Poty Mirim	Guarani Mbya	Palavra que caminha; escuta como orientação espiritual e fortalecimento das mulheres.
Márcia Kambeba	Omágua/Kambeba	Poesia como forma de escuta do território; ontologia natureza–língua.
Graça Graúna	Potiguara	Literatura como resistência ao epistemicídio; escuta como sobrevivência histórica.

Elaborado pelo autor.

A sistematização das autoras indígenas mostra que essa proposta epistemológica não é formulação abstrata, mas conhecimento que nasce da prática narrativa das mulheres amazônidas. Suas obras e experiências atualizam princípios ontológicos – como a interdependência entre corpo, território e memória – e evidenciam processos em que a palavra cura, politiza e sustenta formas compartilhadas de autoria (Potiguara; Ratton, 2022). Trata-se de um repertório conceitual vivo, baseado em práticas femininas e ancestrais, no qual o saber é sempre situado, relacional e territorial.

Esse conjunto de referências forma o solo

a partir do qual este ensaio se desenvolve, oferecendo outra gramática para pensar as relações comunicacionais e reposicionando as mulheres (indígenas, quilombolas, ribeirinhas) como sujeitas do conhecimento (Quijano, 2005; Gobbi, 2022). Ao afirmar a centralidade da relação e da diversidade das vozes, essa perspectiva também ilumina os desafios contemporâneos que se colocam à pesquisa, especialmente quando formas emergentes de mediação tecnológica começam a tensionar os modos de perceber, narrar e reconhecer o outro.



4. Metodologias comunicacionais da escuta desde a Amazônia

Pensar metodologias comunicacionais desde a Amazônia implica deslocar o lugar de enunciação do pesquisador e reconfigurar o próprio sentido do ato de pesquisar. O verbo pesquisar, entendido etimologicamente como *perquirere* (buscar com rigor), converte-se aqui em escutar com respeito. Trata-se de uma virada metodológica que compreende o conhecimento não como apropriação de um objeto, mas como convivência com um território vivo, no qual humanos e não humanos produzem conjuntamente sentido, memória e existência. Sob esse enfoque, Gobbi (2022) observa ser imprescindível que as pesquisas em comunicação avancem na incorporação da perspectiva de gênero, ampliando o olhar sobre as experiências, vozes e práticas das mulheres nos territórios.

As metodologias comunicacionais latino-americanas, como lembra Marques de Melo (1983), buscaram articular rigor e compromisso político, mas raramente reconheceram o território como categoria constitutiva do saber. Na Amazônia, o território não é cenário: é agente comunicante, produtor de afetos, ritmos e cosmologias que desafiam o paradigma da neutralidade científica. Propor metodologias desde a Amazônia implica, portanto, adotar uma perspectiva intepistêmica e ecológica, na qual o pesquisador também integra o ecossistema do conhecimento.

Com base nisso, três princípios ético-metodológicos estruturam uma metodologia comunicacional da escuta: presença, reciprocidade e cuidado.

4.1 Presença: o corpo como mediação do conhecimento

A pesquisa comunicacional tradicional, herdeira do positivismo, tende a separar sujeito

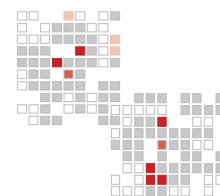
e objeto, mente e corpo, teoria e empiria. As epistemologias amazônicas subvertem essa dicotomia ao compreender o corpo como mediação do conhecer. O pesquisador não observa de fora: ele sente, percebe, afeta e é afetado.

A presença é, portanto, a primeira condição da escuta. Inspirando-se em Freire (1996) e Escobar (2017), compreender a comunicação como presença significa admitir que o conhecimento se produz no encontro (encontro corporal, territorial e simbólico). Escutar “significa a disponibilidade permanente, por parte do sujeito que escuta [...] ao gesto do outro, às diferenças do outro” (Freire, 1996, p. 135).

Ao estar presente, o pesquisador se inscreve na paisagem humana e não humana, tornando-se parte da ecologia comunicativa que investiga. Essa inscrição exige tempo, atenção e respeito: não se escuta apressadamente ou apenas por meio de técnicas. A escuta, enquanto método, supõe demora, convivência e disponibilidade. Na Amazônia, onde o tempo flui em ritmos próprios, a presença é também uma pedagogia: o aprender do silêncio, da espera, do gesto, do som da chuva ou do remador (Tabajara, 2018). Tais formas de presença não são metáforas, mas procedimentos cognitivos que organizam modos de produzir e interpretar sentido.

4.2 Reciprocidade: pesquisar com, e não sobre

A segunda dimensão metodológica é a reciprocidade. Ela rompe a verticalidade do conhecimento e institui o diálogo como princípio constitutivo da pesquisa. Inspirada em práticas comunitárias amazônicas, a reciprocidade parte da compreensão de que o saber é sempre relacional: só se produz na partilha (Krenak, 2019; Kopenawa; Albert, 2015). Essa perspectiva se aproxima da “pesquisa como conversação” (Paiva, 2018), da “investigação-ação dialógica”



freireana e da valorização de saberes e lutas de outras epistemologias (Hollanda, 2020).

Nesse modelo, o pesquisador deixa de ser intermediário e torna-se mediador implicado. A escuta não se limita à coleta de dados, mas também constitui um processo de coautoria e cocriação. As vozes dos sujeitos pesquisados são reconhecidas como produtoras de teoria, e não como simples fontes empíricas. Essa inversão é essencial à decolonização metodológica: questiona o monopólio da escrita acadêmica e legitima oralidades, cantos, performances e rituais como linguagens científicas possíveis.

Ao escutar as mulheres comunicantes, por exemplo, o pesquisador não busca “extrair” informações, mas sim criar condições para que suas narrativas revelem epistemologias situadas (Haraway, 2009). Trata-se de uma metodologia que opera por tradução, não por apropriação – uma prática de escuta compartilhada que reconhece o direito à autoria coletiva do saber.

4.3 Cuidado: ética e ecologia do conhecimento

O terceiro princípio metodológico é o cuidado. Em um contexto de crise ambiental e epistemológica, cuidar é também um ato político. Como lembra Boff (1999), o cuidado é a “nova gramática do ser”: um modo de estar-no-mundo que reconhece a interdependência entre todos os viventes.

Aplicado à pesquisa em comunicação, o cuidado se manifesta na responsabilidade com o outro, com o território e com o próprio processo de conhecimento. A metodologia da escuta é inseparável de uma ética ecológica: escutar é preservar. É recusar o extrativismo acadêmico que transforma sujeitos em objetos e experiências em dados. Na Amazônia, onde cada narrativa constitui um ecossistema simbólico, o cuidado se traduz em práticas de restituição – devolver às comunidades o conhecimento produzido, compartilhar resultados em formatos acessíveis,

respeitar os tempos e modos de fala locais (Paiva, 2022). Assim, a metodologia deixa de ser apenas técnica e se torna compromisso ético-político.

Esses três princípios – presença, reciprocidade e cuidado – formam o núcleo de uma epistemologia comunicacional amazônica que, embora enraizada nos territórios, não se restringe a eles. Seu objetivo não é substituir métodos clássicos, mas reencantar o fazer científico, reconciliando razão e sensibilidade, rigor e afeto, teoria e vida.

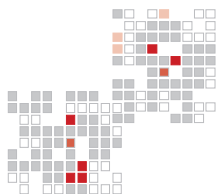
Trata-se de uma abordagem que emerge como teoria feminina e decolonial, inspirada nas sabedorias das mulheres que historicamente sustentam práticas de convivência, mediação e compreensão do mundo. São elas que inauguram – e continuam a cultivar – o princípio da escuta, entendido não apenas como técnica, mas como ética relacional e fundamento epistemológico (Potiguara; Ratton, 2022).

Assim, o desenho de uma possível Epistemologia da Escuta aponta para a importância de ampliar o olhar e incorporar modos de conhecer que valorizem a experiência situada, as interdependências e a potência das vozes e dos territórios amazônicos, uma contribuição inspirada pela floresta, que se abre ao diálogo com o campo comunicacional.

Considerações: a urgência da escuta comunicativa

A escuta, neste ensaio, é compreendida como orientação teórica, gesto ético e método de pesquisa. As experiências comunicacionais amazônicas mostram que conhecer não é apropriar, mas sim relacionar-se; por isso, a escuta desloca a centralidade da emissão e reposiciona a comunicação como prática de convivência, reciprocidade e responsabilidade situada.

Na Amazônia, a palavra nasce do território. O entrelaçamento entre humanos, não humanos e ancestralidades evidencia que a comunicação é interdependente. As metodologias territoriais



baseadas em presença, reciprocidade e cuidado revelam uma ética que vincula dimensões sociais, políticas e ecológicas, sugerindo a necessidade de ampliar o horizonte epistemológico da Comunicação.

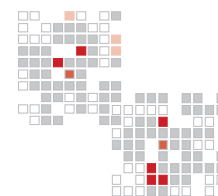
Diante da colonialidade do saber, do extrativismo cognitivo e das formas de silenciamento, a escuta se torna força de resistência. Escutar mulheres amazônicas, povos originários e comunicadoras tradicionais significa reconhecer epistemologias que enfrentam o desmatamento, a grilagem e os impactos socioambientais, oferecendo

referências para pensar justiça ambiental e modos sustentáveis de viver.

A proposta apresentada é um arcabouço inicial, ainda em desenvolvimento, mas já delineado por seus fundamentos: nasce do território e da centralidade epistêmica das mulheres. Não encerra um modelo, mas inaugura um caminho para renovar o Pensamento Comunicacional Latino-Americano, compreendendo a escuta como prática relacional capaz de afirmar pluralidades, evitar novos epistemicídios e sustentar formas diversas de produção de conhecimento.

Referências

- Barbier, R. (1998). *A escuta sensível na formação e na pesquisa-ação*. In R. Barbier, *A pesquisa-ação* (pp. 73–88). Liber Livro.
- Barreiros, J. de P. (2012). *Identidade, território e políticas socioambientais: Estudo de caso da etnia Karipuna, na Aldeia Manga, no município do Oiapoque/Amapá*. Universidade Federal do Amapá.
- Beltrán S., Luis Ramiro y Fox de Cardona, Elizabeth (1980). *Comunicación dominada: Estados Unidos en los medios de América Latina*. México, D.F., Editorial Nueva Imagen/ILET.
- Carneiro, S. (2005). *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo.
- Díaz Bordenave, J. (1983). *Além dos meios e mensagens*. Petrópolis, Brasil, Vozes.
- Escobar, A. (2017). *Autonomía y diseño: la realización de lo comunal*. 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón.
- Fraser, N. (2006). *Redistribuição, reconhecimento e participação: Por uma concepção integrada de justiça*. *Caderno CRH*, 19(45).
- Freire, P (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1969). *Extensión o comunicación?* Santiago de Chile, Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agraria.
- Gobbi, M. C. (2020). *A presença das mulheres nos estudos do Grupo 17 da ALAIC e a Agenda 2030*. In XV Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, Universidad Pontificia Bolivariana. <https://www.alaic.org/wp-content/uploads/2022/03/GT-17.-Comunicaci%C3%B3n-e-Historia.pdf>
- Gobbi, M. C. (2022). *Do silenciamento à palavra: Mulheres nos estudos em comunicação na América Latina*. Ria Editorial.
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano*. Zahar.
- Haraway, D. (2009). *Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. *Cadernos Pagu*, (5), 7–41. <https://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51046>
- Hollanda, H. B. de (Org.). (2020). *Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais*. Bazar do Tempo.
- hooks, b. (2019). *Teoria feminista: Da margem ao centro* (R. Patriota, Trad.). Perspectiva.
- Kaplún, M. (1978). *Cassette-foro: un sistema de comunicación participatoria*. Documento presentado al Primer Seminario Latinoamericano de Comunicación Participatoria, Quito, CIESPAL.
- Kopenawa, D., & Albert, B. (2015). *A queda do céu: Palavras de um xamã Yanomami* (B. Perrone-Moisés, Trad.). Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.
- Lorde, A. (2020). *Irmã outsider: Ensaio e conferências* (S. Borges, Trad.). Autêntica.
- Marques de Melo, J. (1983). *Democracia e comunicação na América Latina*. In: *Comunicação: teoria e política*. Brasil, Summus Editorial.
- Martín-Barbero, J. (1997). *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. UFRJ.
- Munduruku, D. (2020). *Mundurukando 1: Sobre saberes e utopias* (2ª ed. ampliada e atualizada). UK'A.
- Paiva, R. (2022). *Uma epistemologia comunitarista da comunicação*. *MATRIZES*, 16(3), 63–76. <https://revistas.usp.br/matrizes/article/download/204395/190155/597893>



- Potiguara, E. (2015). *A cura da terra*. Editora do Brasil.
- Potiguara, E., & Ratton, V. (Orgs.). (2022). *Guerreiras da ancestralidade: Mulherio das Letras Indígenas* (1. ed.). Amare.
- Quijano, A. (2005). *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. CLACSO.
- Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala?* Letramento.
- Rivera Cusicanqui, S. (2018). *Un mundo ch'ixi es posible*: Ensayos desde un presente en crisis. Buenos Aires: Tinta Limón.
- Romano, V. (1993) *Desarrollo y progreso*: Por una ecología de la comunicacion. Barcelona: Teideuropa América.
- Santos, B. S. (1998). *La Globalización del derecho*: los nuevos caminos de la regulación y la emancipación. Bogotá, ILSA; Universidad Nacional de Colombia.
- Santos, B. S. (2007). *Para Além do Pensamento Abissal*: Das Linhas Globais a uma Ecologia de Saberes. Revista Crítica de Ciências Sociais. n. 77.
- Silva, R. L. do. (2013). *A saga Karipuna*: Uma narrativa oral de experiência pessoal. Porto Velho, RO.
- Sodré, M. (2015). *A ciência do comum*: Notas para o método comunicacional. Vozes.
- Tabajara, A. (2018). *Coração na aldeia, pés no mundo*. UKA Editorial.
- Vergès, F. (2020). *Um feminismo decolonial* (J. P. Dias & R. Camargo, Trads.). Ubu.
- Wainberg, J. A. (2018). *Comunicação e escuta*. E-Compós, 21(1), [1-19]. <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/download/1379/1019/6799>
- Walsh, C. (2013). *Pedagogías decoloniales*: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala.
- Artigo enviado em 30/11/2025 e aceito em 25/06/2026.

